

# A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências



**Denise Pereira  
Janaina de Paula do Espírito Santo  
(Organizadoras)**

# A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências



**Denise Pereira  
Janaina de Paula do Espírito Santo  
(Organizadoras)**

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

**Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

**Edição de Arte** Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Revisão** Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

#### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

#### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional

Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais

Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo

Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas

Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia

Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases

Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil

Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita

Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí

Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora

Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé

Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo

Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária

Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná

Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina

Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro

Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College

Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social

Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe

Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay

Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA

Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará

Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ

Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás

Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe

Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná

Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## A pesquisa e o ensino das ciências humanas: mudanças e tendências

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário:** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremona  
**Edição de Arte:** Luiza Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadoras:** Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P474 A pesquisa e o ensino das ciências humanas [recurso eletrônico] :  
mudanças e tendências / Organizadoras Denise Pereira, Janaína  
de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF.

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5706-220-3

DOI 10.22533/at.ed.203202207

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. 2. Metodologia.  
I. Pereira, Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula do.

CDD 001.42

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Um dos aforismos famosos do filósofo estóico romano Seneca é dizer que a pessoa quando ensina, aprende. De fato, a profunda relação entre ensinar e aprender é retomada, de tempos em tempos por diferentes pensadores de diversos países.

Essa preocupação se dá justamente por que, enquanto seres humanos estamos envolvidos, a todo momento com as distintas dimensões de ensinar e aprender e com a produção de conhecimento como um todo. Pensar, refletir aprender, são ações essencialmente humanas, momentos de construção de todo um escopo de experiências coletivas e individuais. Ainda que não esteja presente na frase de Sêneca do começo deste texto, outra dimensão nessa relação de ensinar e aprender é o ato de pesquisar. Não podemos dizer que a pesquisa figura exatamente como um “elemento oculto” do aforismo, (ou seja, que não é citado, mas está presente). Ainda assim, não é incorreto dizer que o ato de pesquisar é um sustentáculo de todo e qualquer ensino. De fato, não há ensino sem pesquisa, e não há pesquisa sem divulgação do saber o que é, de certa maneira, ensino.

A palavra pesquisa tem estado muito presente do nosso senso comum, nossa vida cotidiana, uma pesquisa pode envolver tanto a busca por menores preços, ou informações concretas para a tomada de uma decisão cotidiana qualquer, como também pode se referir a raciocínios e processos complexos e controlados em procedimentos substanciais de produção do conhecimento. Um modo de vida. Em comum, ambos os significados tem o fato de que a pesquisa é um elemento fundante da experiência humana. Na área de ciências humanas, as investigações feitas, como é da própria natureza da área, sempre existe um amálgama bastante presente entre pesquisa, seus métodos e paradigmas e o ensino. Neste sentido temos assistido, no século XXI uma mudança significativa. Se a sociedade muda e novas são suas demandas, aspirações e necessidades, muda também o entendimento dos diferentes fenômenos sociais e as exigências inerentes ao seu processo de ensino. Assim, no mundo em que vivemos com o crescimento do espaço ocupado pelo ambiente virtual, as demandas de conhecimento e do mercado de trabalho da atualidade, balizam mudanças constantes que visam entender esse movimento ininterrupto, suas transformações e tendências.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira  
Janaína de Paula do E. Santo

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS SOBRE BULLYING	
Laís Caroline Amaral de Almeida Luciana Aparecida Nogueira da Cruz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2032022071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>18</b>
A CONSTRUÇÃO DE UM PESQUISADOR A PARTIR DE SUAS IMPLICAÇÕES E INFLUÊNCIA DAS INSTITUIÇÕES: CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE INSTITUCIONAL	
Mayhara Alves de Lima Aidecivaldo Fernandes de Jesus	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2032022072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>29</b>
A EXTENSÃO COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO CONTINUADA - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
André Luis Quinelato Claudia Gallert Graziela Cantelle de Pinho Isadora Goedert Jacqueline Maria Duarte Lewandowski Jéssica Fernanda Wessler Ferreira Luzia Alves da Silva Silvana Lazzarotto Schmitt Telma Beiser de Melo Zara	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2032022073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>41</b>
A FUNÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO FRENTE A DIMENSÃO SOCIAL DO SUJEITO	
Maria Adalgiza Albuquerque Succì	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2032022074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>55</b>
AÇÕES AFIRMATIVAS: VAGAS PARA GRUPOS SOCIAIS E ÉTNICO-RACIAIS NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS (UEG)	
Júlio César Xaveiro dos Santos Divina Aparecida Leonel Lunas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2032022075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
EDUCAÇÃO DO CAMPO E MOVIMENTOS SOCIAIS: UM EXEMPLO TEÓRICO E PRÁTICO NO ESTADO DO PARÁ	
Joaquim Augusto Souza de Menezes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2032022076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>91</b>
ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO PARA UM(A) “PESQUISADOR(A) EMANCIPADO(A)” NAS PESQUISAS EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	
Lara Brum de Calais	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2032022077</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>106</b>
EXPANSÃO, ENADE E INDICADORES DE QUALIDADE DOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Ana Lúcia Cunha Duarte Ana Beatriz Frazão da Silva Rafael Mendonça Mattos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2032022078</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>118</b>
FAZER PESQUISA EM HUMANIDADES HOJE, OU SOBRE OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NO CAMPO CIENTÍFICO	
Rubens da Silva Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2032022079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>134</b>
METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO INFANTIL: O ALUNO COMO PROTAGONISTA DA APRENDIZAGEM	
Larissa Andrade Silva Elisabete Tomomi Kowata	
<b>DOI 10.22533/at.ed.20320220710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>142</b>
O PAPEL DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E AS TEORIAS CRÍTICAS: CONTRIBUTO DOS ENUNCIATIVOS CONTEMPORÂNEOS	
Fábio Brum Diego da Costa dos Santos Diogo Dias de Paula Muniz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.20320220711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>153</b>
PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO INDÍGENA: SAÍDAS POSSÍVEIS SOB A ÉGIDE DA DEMOCRACIA	
Humberto Teixeira Ramos Lilian Miranda Bastos Pacheco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.20320220712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>171</b>
POR UM ENSINO TRANSDISCIPLINAR: UM ENSAIO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO	
Josimar Monteiro Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.20320220713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>182</b>
QUEM REPRESENTA OS ESTUDANTES? DEMOCRACIA E UNIDADE NO MOVIMENTO ESTUDANTIL NO CONTEXTO DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA	
Isabella Yi Ni Vargas Chen Antonio Euzébios Filho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.20320220714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>201</b>
RELAÇÕES INTERPESSOAIS: REFLEXOS NO ENSINO	
Jânia Félix de Jesus Ferreira Núbia de Fátima Félix Ferreira Altina Abadia da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.20320220715</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>212</b>
FRACASSO ESCOLAR E EVASÃO: UM ESTUDO SOBRE A DIFICULDADE PARA LER E ESCREVER Karla Aparecida Zucoloto DOI 10.22533/at.ed.20320220716	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>217</b>
UM BREVE HISTÓRICO DAS FEIRAS DE CIÊNCIAS NO MUNICÍPIO DE ALTO ALEGRE/RR - 1997 A 2019 Marilene Kreutz de Oliveira Ivanise Maria Rizzatti Lenir Santos do Nascimento Moura Jesucina do Nascimento Moura Oliveira Eliaquim Barbosa Pereira DOI 10.22533/at.ed.20320220717	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>231</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>232</b>

## POR UM ENSINO TRANSDISCIPLINAR: UM ENSAIO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO

*Data de aceite: 01/07/2020*

*Data de submissão: 13/05/2020*

### **Josimar Monteiro Santos**

Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo  
Cariacica-ES

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9475969741693571>

**RESUMO:** O presente artigo presente tecer reflexões sobre o ensino de história, tendo como referência o diálogo possível entre a Geografia e a História, tomando como elemento articulador a pedagogia freiriana. Notadamente, o que se pretende discutir aqui possui como base a tematização da globalização promovida pelo geógrafo Milton Santos (1926-2001) e o modo com o qual essa tematização atribuiu uma qualificação ao nosso período histórico atual. Essa qualificação do “nosso tempo” histórico repercute ao nosso ver no ensino de história, impondo a necessidade de se pensar esse ensino de acordo com as características desse período. A dialogicidade freireana é entrevista como uma alternativa pedagógica que permite pensar o ensino de história na perspectiva

do encontro de mundos. A abordagem transdisciplinar desse texto, visa através do diálogo entre essas disciplinas a construção de uma visão de mundo mais ampla através do ensino de história.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de história. Globalização. Dialogicidade.

### FOR A TRANSDISCIPLINARY EDUCATION: A ESSAY ABOUT HISTORY TEACHING IN THE GLOBALIZATION CONTEXT

**ABSTRACT:** This article intends to reflect on the history teaching, having as reference the possible dialogue between Geography and History, taking Freire’s pedagogy as an articulating element. What is intended to be discussed here, Notably, is based on the theme of globalization promoted by the geographer Milton Santos (1926-2001) and the way in which this theme attributed a qualification to our current historical period. This historical “present days” qualification has repercussions, in our view, in the history teaching, imposing the need to think about this teaching according to the characteristics of the period. The Freireana dialogicity is viewed as a pedagogical alternative that allows thinking about the history teaching from the perspective of the worlds encounter.

The transdisciplinary approach of this text aims, through the dialogue between these disciplines, to build a broader worldview through the teaching of history.

**KEYWORDS:** History teaching. Globalization. Dialogicity.

## 1 | INTRODUÇÃO

Pensar o ensino de história a partir de “nosso tempo” parece num primeiro olhar algo contraditório. Essa contradição se explicaria, pelo fato de que numa atitude natural, compreendemos que o ensino de história já se dá em “nosso tempo” na medida em que é o nosso presente. Desta forma, numa primeira aproximação, não haveria sentido em propor um ensaio sobre o ensino de história que o buscasse refletir a partir de nosso tempo, pois partimos do pressuposto que o seu ensino já se dá em “nosso tempo”.

O problema que acaba vindo à tona é que nessa atitude natural em que interpretamos o presente como simplesmente o “nosso tempo” acabamos assimilando de forma pressuposta que o ensino de história se dá em “nosso tempo”, o que nos leva à perdemos de vista fundamentalmente o próprio presente e a necessidade de tê-lo como um horizonte compreensivo. Em outras palavras, o presente mesmo como questão não aparece.

Nessa relação pressuposta entre a história e o “nosso tempo”, acabamos concebendo seu ensino apenas como o estudo dos homens ou das sociedades no passado, na medida em que o presente não se apresenta como questão. Sendo assim, deixamos de lado a proposta de Marc Bloch (1886-1944) de conceber a História como o estudo do homem no tempo. Essa proposta é importante, pois permitiu aos estudos históricos estabelecerem uma outra relação com a historicidade, onde o passado, não é mais algo morto, uma coisa que já foi e, portanto, não é mais, que não possuía nenhuma relação com o presente e o futuro. Ao pensar o homem no tempo, a História passa a levar em consideração o tempo em que se constrói a narrativa histórica e a forma como essa narrativa ajuda a clarear a complexidade da realidade existente no presente. Permitindo ainda, que as reflexões desenvolvidas no âmbito da História ajudem a pensar sobre o futuro da humanidade. Portanto, afirmar que o ensino de história já se dá em “nosso tempo”, pressupondo com isso uma relação com a historicidade, que não traz nessa relação a necessidade de refletir sobre o presente é conceber um ensino de história que se caracterizaria como um estudo do passado, deixando de lado a dinâmica existente na própria constituição da realidade do mundo em que se dá, para além da segregação entre o passado, presente e futuro.

Por isso, torna-se necessário pensar “um ensino de história que se dê a partir de nosso tempo”, porque há, desta forma, a necessidade de colocar em questão o próprio presente, isto é, “nosso tempo”. É deste ponto, que a multidisciplinaridade pode oferecer uma possibilidade de contribuir com as reflexões sobre o ensino de história, na medida em que entendemos que a multidisciplinaridade nos permite uma ampliação da visão de mundo própria desse ensino, a partir do diálogo com outras disciplinas. Essa ampliação

se dá na medida em que buscamos entender “nosso tempo” através da Geografia e do modo pelo qual essa ciência tematiza o presente qualificando-o por meio da globalização. De forma mais específica pela obra do geógrafo brasileiro, Milton Santos.

## 2 | NOSSO TEMPO HISTÓRICO: A GLOBALIZAÇÃO

A opção pelo Milton Santos se justifica pela importância que a globalização possui na sua conceituação do espaço geográfico. No entanto, é preciso chamar atenção para o fato de que nosso principal interesse não é sua definição de espaço, mais como a globalização foi pensada por Milton como uma forma de qualificar de “nosso tempo”, isto é, do nosso período histórico. Dito de outro modo, o que nos importa não é a narrativa histórica miltoniana sobre o processo histórico da globalização e sua articulação com a definição do espaço geográfico que, segundo o autor, teria começado com as grandes navegações no final do século XV (SANTOS, 2008), mas é fundamentalmente sua caracterização do “nosso tempo” histórico por meio da globalização.

No seu esforço de elaboração teórica, Milton buscou demonstrar que a forma com a qual o espaço geográfico se organizava na escala global é resultado do modo de produção capitalista, que levou a universalização do mundo:

A universalização do mundo pode ser constatada nos fatos. Universalização da produção, incluindo a produção agrícola, dos processos produtivos e do *marketing*. Universalização das trocas, universalização do capital e de seu mercado, universalização da mercadoria, dos preços e do dinheiro como mercadoria-padrão, universalização das finanças e das dívidas, universalização dos modelos de utilização dos recursos por meio de uma universalidade relacional das técnicas, universalização do trabalho, isto é, do mercado do trabalho e do trabalho improdutivo, universalização do ambiente das firmas e das economias, universalização dos gostos, do consumo, da alimentação. Universalização da cultura e dos modelos de vida social, universalização de uma racionalidade a serviço do capital, erigida em moralidade igualmente universalizada, universalidade de uma ideologia mercantil concebida do exterior, universalização do espaço, universalização da sociedade tornada mundial e do homem ameaçado por uma alienação total (SANTOS, 2012, p.18).

Essas universalizações, que passam a ser empíricas, pois são percebidas na realidade, seriam a constatação de uma experiência nova para a humanidade, na verdade,

Para sermos ainda mais precisos, o que afinal, se cria é o *mundo* como realidade histórica unitária, ainda que ele seja extremamente diversificado. Ele é datado com uma data substantivamente única, graças aos traços comuns de sua constituição técnica e à existência de um único motor para as ações hegemônicas, representado pelo lucro à escala global” (SANTOS, 2011, p.173, grifo do autor).

É importante destacar afirmação que o geógrafo faz em relação a globalização que, a partir dela o que se cria é o mundo, pois essa afirmação acaba nos trazendo a seguinte questão: o mundo sempre não foi uno? Milton responde a essa questão, buscando indicar que o grande problema era apreender a unicidade do mundo. Antes da globalização essa unicidade era apreendida a partir de fenômenos naturais, com o alcance da produção

capitalista em escala global, ou seja, com a globalização é a primeira vez na história da humanidade que um modo de produção alcança a escala mundial, isso criou uma nova unicidade que poderia ser constatada através dos fenômenos sociais (MILTON, 2012).

Outro aspecto a ser destacado na citação anterior, é a datação única do mundo na globalização. Essa datação única teria como base a sobreposição de uma temporalidade baseada na necessidade do lucro sobre outras temporalidades, sobre outros ritmos de vida. A datação única vista pelo geógrafo como uma marca do mundo globalizado nos leva a pensar a própria narrativa histórica, quando considerada a historicidade apenas a partir da dimensão cronológica da compreensão dos processos históricos. Há, inclusive, o risco de se pensar a globalização a partir dessa perspectiva, o que nos levaria a ver a globalização como uma marcha evolutiva da civilização ocidental, o que acabaria acarretando em uma imposição de uma visão eurocêntrica do mundo. No entanto, acreditamos que por meio da globalização podemos colocar em questão a perspectiva cronológica e os riscos do eurocentrismo, se nos esforçamos para pensar a partir da globalização, a partir do “nosso tempo” histórico. Nesse sentido,

[...] o que verificamos é a possibilidade de produção de um novo discurso, de uma nova metanarrativa, um novo grande relato. Esse novo discurso ganha relevância pelo fato de que, pela primeira vez na história do homem, se pode constatar a existência de uma universalidade empírica. A universalidade deixa de ser apenas uma elaboração abstrata na mente dos filósofos para resultar da experiência ordinária de cada homem [...] (SANTOS, 2011, p. 21).

A globalização permite, portanto, a constatação do “nosso tempo” histórico a partir de uma universalidade empírica, uma universalidade que não se dá mais apenas no campo filosófico. Desta forma, caberia colocarmos algumas perguntas: poderíamos falar de uma universalização da educação, na medida em que o modo de produção hegemônico existente na globalização, teria levado a um padrão institucional do ensino e do aprendizado através da escola? A escola seria ela mesma uma universalização da globalização? Os índices de avaliações internacionais da qualidade da educação não buscariam uma universalização do ensino?

As questões acima não buscam fazer uma crítica a universalização da educação. Evidentemente, compreendemos que o acesso à educação é fundamental para o desenvolvimento humano. As questões indicam, primeiramente que é possível e necessário pensar a educação escolar a partir da globalização. Segundo, o que queremos demonstrar com as questões é que a relação que estabelecemos com a educação é própria do nosso período histórico.

Santos (2011), pontua que é necessário compreender que o mundo que se formou pela globalização precisa ser interpretado a partir da seguinte perspectiva:

De fato, se desejamos escapar à crença de que esse mundo assim apresentado é verdadeiro, e não queremos admitir a permanência de sua percepção enganosa, devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização (p. 18)

Ao pensar a globalização, tendo como horizonte a ideia de três mundo em um, o geógrafo busca chamar atenção, primeiramente, para aquilo que se construiu como entendimento de um mundo globalizado, que se deu em grande medida - e ainda hoje permanece se dando - em função de um discurso que tentar se impor, e por isso, se diz, um discurso hegemônico. Esse discurso que visa apresentar a globalização a partir da ideia de aldeia global, busca homogeneizar todo o mundo através do mercado global, pela contração do espaço e do tempo. Porém, o que se vê no atual modelo de globalização é que a ideia do mundo como uma aldeia global se restringe a uma minoria que pode pagar por essas contrações do espaço e do tempo. O mundo se tornar homogêneo para os atores hegemônicos representados pelas grandes corporações/empresas transnacionais. Esse é o sentido da globalização como fábula (SANTOS, 2011).

A globalização perversa é na verdade o modo como ela realmente é, sem o discurso hegemônico que tenta se impor pelas fabulações. A perversidade da globalização revela que ela não é para todos, ao contrário, ela tem contribuído para aumentar as desigualdades, sejam elas sócias, regionais ou tecnológicas. Esse é o modelo de globalização no qual estamos inseridos atualmente.

É, porém, a partir das condições históricas que o atual modelo de globalização criou que temos a possibilidade de pensarmos uma outra globalização. Essa outra forma de pensar a globalização não se caracterizaria por um caminho pronto e delineado, mas seria, principalmente, pela capacidade de pensar esse outro mundo possível, onde

O processo de tomada de consciência [...] não é homogêneo, nem segundo os lugares, nem segundo, as classes sociais ou situações profissionais, nem quanto aos indivíduos. A velocidade com que cada pessoa se apropria da verdade contida na história é diferente, tanto quanto a profundidade e coerência dessa apropriação. A descoberta individual é, já, um considerável passo à frente, ainda que possa parecer ao seu portador um caminho penoso, à medida das resistências circundantes a esse novo modo de pensar. O passo seguinte é a obtenção de uma visão sistêmica, isto é, a possibilidade de enxergar as situações e as causas atuantes como conjuntos e de localizá-los como um todo, mostrando sua independência. A partir daí, a discussão silenciosa consigo mesmo e o debate mais ou menos público com os demais ganham nova clareza e densidade, permitindo enxergar as relações de causa e efeito como uma corrente contínua, em que cada situação se inclui numa rede dinâmica, estruturada, à escala do mundo e à escala dos lugares (SANTOS, 2011, p. 168-169)

O ponto em que chegamos acaba nos chamando atenção para a “nossa” relação com a educação. Quem são esses que o pronome possessivo designa? Esse pronome designa o próprio Estado-Nação, em nosso caso o Brasil. Portanto, a educação escolar em nosso país, naturalmente, também está inserida na globalização. Na verdade, para pensar a educação escolar no Brasil, teríamos que levar em consideração a lógica de inserção do nosso país na globalização, e as repercussões dessa inserção na formação social e econômica do Brasil. Como nosso ensaio possui como foco o ensino de história, é nele que iremos nos deter.

### 3 | HISTÓRIA E O SEU ENSINO NO BRASIL

Segundo Nadai (2014) são dois, os elementos fundamentais para pensarmos o ensino de história no Brasil: “[...] *De um lado*, pelas modificações intrínsecas à constituição do próprio discurso histórico e *de outro* pelas modificações que alteram a feição e a natureza da escola secundária” (p. 31, *grifo nosso*).

No primeiro que se refere as mudanças ocorridas na historiografia da histórica, a autora afirma que:

Internamente, a produção historiográfica foi se renovando e se revisando, na tentativa de se encontrar novas abordagens, novos rumos e novos problemas, portanto novos espaços de investigações. Temas até então não privilegiados pela historiografia tornaram-se objetos de reflexão dos profissionais da História, o que enriqueceu o seu campo; o mesmo ocorreu com a metodologia até então influenciada pela objetividade positivista, que passou a receber influência benéfica das demais ciências sociais, imprimindo mudanças substantivas na compreensão do que seja a história [...] (NADAI, 2014, p. 31)

Essas mudanças se deram em grande medida durante o século XX. Elas acabaram levando - como foi indicado na introdução desse texto - a uma nova relação da História com a historicidade. Essa nova relação se deu por causa da “crise da história historicista”, “[...] que tudo explica concatenadamente, na qual o depois é precedido pelo antes, num ordenamento evolutivo, em que cabe somente a noção de tempo histórico linear, evolutivo e uniforme” (NADAI, 2014, p. 32). A nova relação da História com a historicidade não possui como referência a perspectiva cronológica, mas traz a necessidade de buscar pensar a historicidade numa coexistência do passado, presente e futuro.

Para além dessas mudanças na epistemologia da ciência histórica, o segundo elemento mostra que houve de maneira específica transformações na educação escolar no Brasil, também no século XX:

[...] sobretudo em função da entrada de crianças, jovens e adultos oriundos dos setores populares, antes marginalizados da instituição escolar. Esse movimento – iniciado nos anos 1940, intensificou nos anos 1950 com a estruturação dos cursos noturnos públicos [...] e nas décadas seguintes, ampliado com outras medidas educacionais [...] (NADAI, 2014, p. 33)

A entrada das camadas populares nas instituições escolares, ocorrido durante o século XX no Brasil, resultado da busca pela democratização do acesso à educação em nosso país, mudou a fase da escola. Nesse sentido, aquele modelo de escola do início do século XX, onde o acesso à educação era privilégio, parece ter dificuldades de conviver com as diferenças culturais e com as desigualdades sociais que compõem a sociedade brasileira, e que notadamente, inserem-se na realidade das escolas públicas no Brasil atualmente.

Essa breve apresentação do contexto no qual se dá o ensino de história no Brasil, nos permite questionar:

[...] Até que ponto a avaliação realizada e o nosso planejamento são conduzidos para ampliar a compreensão do significado desses dados numa realidade social mais

abrangente? O quanto ainda não temos como referência 'certos padrões comuns' de desempenho escolar que remontam ao passado? O quanto não procuramos, nós também pela nossa prática, eliminar das nossas salas de aula os 'enjeitados', os 'carentes', os 'analfabetos', para depois então podermos trabalhar bem com aqueles 'mais dóceis'? (NADAI, 2014, p. 34).

Essas questões levantadas, são questões que se direcionam para o ensino de história. É preciso pensar como que esses dois elementos indicados anteriormente, devem nortear nossas reflexões e práticas no ensino de história, lembrando que esses dois elementos precisam ter como plano de fundo, isto é, como horizonte de compreensão a globalização.

Temos assim para o primeiro elemento, as mudanças na historiografia que permitiram pensar a História, não tendo mais como base o historicismo, através de uma história única e linear, mas abriu a possibilidade de pensar outras narrativas históricas. Isso trouxe implicações. Como por exemplo, repensarmos a colonização da América, e nesse repensar, buscamos descolonizar nosso ensino de história que ainda hoje insiste em tratar essa colonização como a “descoberta” da América, desconsiderando as civilizações que existiam nesse continente antes de sua colonização e espoliação. Esse mesmo esforço de pensamento deve ser feito com a colonização da África e da Ásia. Nesse sentido, essas outras narrativas associadas a descolonização do pensamento, permitem recolocar a história afro-brasileira, assim como a indígena a partir de uma outra perspectiva de se pensar a narrativa da história do Brasil. Uma alternativa contrária a forma como tem sido abordada em nossas escolas e apresentada em nossos livros didáticos, onde o eurocentrismo se faz tão marcante. Essas outras narrativas históricas permitem colocar em questão a própria ideia de um tempo único presente no atual modelo de globalização, pois essas narrativas evidenciam a pluralidade da globalização, em contraposição ao seu discurso hegemônico de um mundo único a partir de um padrão eurocêntrico. Abre-se com isso a possibilidade de se pensar outra globalização, uma humanidade melhor para todos (MILTON, 2011).

O segundo elemento, as mudanças na escola, nos mostra que é preciso entender que o ensino de história se dá em escola – aqui cabe evidenciar que tomamos como referência desse texto as escolas públicas – marcada pela pluralidade. O diferente constitui a realidade da educação escolar na atualidade. Por isso, temas que perpassam pela desigualdade social, pelas questões de gênero, pelas relações homoafetivas, pelas questões étnico-raciais, estão presentes no cotidiano das escolas no Brasil. É importante chamar atenção para o fato de que esses temas não serem apenas específicos ao nosso país, mas entendermos que eles remetem muito mais a uma agenda, uma pauta de debates que se aprofundaram em nosso período histórico, isto é, na globalização. Um exemplo pode ser constatado ao observarmos os protestos ocorridos nos Estados Unidos no ano de 2016, contra a discriminação de afrodescendentes, essa mesma discriminação que de forma mais velada também se faz presente na sociedade brasileira. O fundamento dessa discriminação possui como base a escravidão que existiu, respectivamente, nos

Estados Unidos e no Brasil durante o processo de colonização. No entanto, por mais que esses temas remetam a uma escala maior eles se manifestam em nossas escolas, o que chama atenção para a responsabilidade que temos, pois por remeterem a essa escala maior, uma escala que envolve a própria humanidade, ao tratarmos desses temas em nossas escolas tratamos da própria humanidade. Por fim, precisamos nortear nossa relação com esses temas, a partir na inserção do Brasil na lógica da globalização, pois somente assim, poderemos identificar a especificidade que cada tema desse deve impor à educação escolar brasileira.

Pensar o ensino de história a partir de “nosso tempo” e pensa-lo tendo como base a globalização irá nos impor grandes trabalhos, pois teremos que rever nossas visões sobre a escola e sobre o nosso currículo. No entanto, tanto trabalho deve ser justificado pela necessidade de um ensino de história que leve em consideração o paradigma da globalização e, ao mesmo tempo possa ampliar nossa visão de mundo, visto que, por meio da globalização nos tornamos um mundo único. Nossa grande responsabilidade talvez esteja no fato de que para compreendermos as características desse período histórico, tenhamos que aprofundar nossos conhecimentos sobre a maneira como nos inserimos nessa globalização. Dito de outra maneira, o ensino de história precisa levar em consideração a globalização, mais teve fazer isso partindo da realidade que é a nossa, isto é, a partir da realidade brasileira. A globalização permite isso, pois, a nova unicidade promovida por ela dos fenômenos sociais permite através do particular (Estado-Nação) a compreensão do universal (mundo globalizado).

No fim, um caminho de orientação possível para o ensino de história na era da globalização é “[...] a questão de fundo [que] permanece sendo o *para que, por que e para quem* esse ensino pode ter algum [sentido] tipo de serventia” (MICELI, 2014, p 48, grifo do autor).

#### **4 | DIALOGICIDADE NA EDUCAÇÃO: A PLURALIDADE DE MUNDO E O ENSINO DE HISTÓRIA**

Pensar o ensino de história a partir da globalizado impõem o reconhecimento da oposição entre discurso hegemônico, resultado de um pensamento único “vesus” a possibilidade de pensar o mundo como lugar de encontro. Por mais que o discurso da globalização queira impor a imagem de um mundo único, a globalização ao contrário, acabou revelando a pluralidade do mundo. Como mencionado anteriormente, pluralidade está que se manifesta na própria escola. É nesse sentido, que a dialogicidade freireana é entrevista como uma alternativa pedagógica para o ensino de história, como um elo entre a História e a Geografia, na medida em que “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para *pronunciá-lo*, não se esgotando, portanto, na relação eu-

tu” (FREIRE, 2013, p. 109, grifo do autor).

Ao pensar o diálogo como lugar de encontro entre os homens, indicando o mundo como mediatizador desse lugar, Paulo Freire (1921-1997) traz à tona uma outra maneira de pensar o significado da palavra mundo. Pois, para que o mundo possa ser mediatizador da relação entre os homens, ele precisar ser ao mesmo tempo o contexto no qual toda e qualquer existência humana possa se dar, isto é, onde toda e qualquer existência humana já se dá, em meio a uma compreensão de mundo. Portanto, o mundo passa a ser um horizonte, um contexto no qual nós nos compreendemos e compreendemos o que as coisas são e podem vir-a-ser. É nesse sentido, que o autor argumenta que

[...] o diálogo é uma exigência *existencial*. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco torna-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 2013, p. 109, *grifo nosso*).

O diálogo é uma exigência existencial, porque cada existência se dá em meio a uma compreensão do mundo, por isso há uma solidariedade no existir que corresponde ao fato de que o mundo é sempre mundo compartilhado. Como o mundo é compartilhado, o ato de um sujeito pretender depositar suas ideias no outro, acaba retendo a possibilidade de diálogo. É nesse sentido que Freire (2013) explica que

Porque é encontro de homens que pronunciam o mundo [o diálogo], não deve ser doação do pronunciar de uns a outros. É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista do mundo para a libertação dos homens (p. 110).

Em que medida a dialogicidade freireana pode contribuir com o ensino de história? A resposta a essa questão deve ter como base a globalização e as repercussões que ela acaba trazendo, como indicado no tópico anterior. Essas repercussões se traduzem pela pluralidade presente em nossas escolas e a possibilidade de outras narrativas serem pensadas no âmbito dos processos históricos.

Para levar em consideração esses aspectos, o ensino de história precisa se nortear por uma perspectiva do diálogo, reconhecendo a compreensão de mundo manifesta em cada existência. Então, é por meio dessa pluralidade que o ensino de história deve construir e ampliar sua visão de mundo. Pois,

[...] Neste lugar de encontro [diálogo/mundo], não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais (FREIRE, 2013, p. 112).

É importante chamar atenção para o fato de que com essa pluralidade não se pretender recair em um relativismo histórico, onde tudo é nada e nada é tudo. O importante em pensar o ensino de história como um diálogo, é que esse diálogo visa a conquista do mundo, isto é, visa ampliar as nossas visões de mundo, ampliar nosso horizonte compreensivo.

A consequência mais direta para o ensino de história, quando se assume a

dialogicidade é entender que o conteúdo histórico precisa ter sentido para os educandos. É preciso que perguntemos sobre quais são as visões de mundo que nossos educandos possuem. Isso nos leva a atitudes simples, mas transformadoras. Como nos preocuparmos com a maneira como iremos introduzir nossos conteúdos, e organizamos nossos currículos e nossas avaliações. Por fim, o que faremos é termos nossos educandos e suas visões de mundo como nossos interlocutores em nossos esforços de tomada de consciência em relação ao mundo que vivemos e compartilhamos.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar o ensino de história a partir de uma perspectiva transdisciplinar é algo difícil, no entanto necessário, quando se entende essa transdisciplinariedade como uma possibilidade de potencializar e ampliar as visões de mundo que se constituem através do ensino de história.

Essa perspectiva foi o que alimentou os esforços de interlocução com a Geografia através de Milton Santos, na medida em que sua elaboração conceitual sobre a globalização possui como base uma universalidade empírica. Isso permite que a globalização possa se tornar algo mais tangível para as constantes necessidades de exemplificações que nos é exigida no processo de ensino e aprendizado. A universalidade empírica da globalização permite um amplo campo de investigação e problematização para o ensino de história. Portanto, um ensino de história que se dê a partir de “nosso tempo” deve assumir como ponto de partida o paradigma da globalização. É a própria realidade do mundo globalizado que nos impõem a necessidade de repensarmos o sentido do ensino de história. Se não repensarmos esse ensino, corremos o risco de servirmos apenas para reforçar o discurso hegemônico da globalização, que busca se impor pela ideia de um mundo único, ao reproduzirmos o eurocentrismo através de uma concepção linear e cronológica da história. É preciso pensar a globalização a partir daquilo que ela mesma manifestou e manifesta, isto é, pela pluralidade de mundos.

É ao percebermos o mundo como plural, que a perspectiva da dialogicidade se impõem como uma alternativa pedagógica para o ensino de história. Pois, por meio do diálogo é que podemos estabelecer uma relação em que o fundamental será a busca da conquista do mundo, isto é, a busca de uma visão de mundo mais ampla acerca do período histórico que é o nosso. Por fim, nosso grande desafio é pensar esse ensino a partir da globalização, mas tendo como base o modo pela qual se deu nossa inserção nesse mundo globalizado. Para isso, precisamos partir da educação escolar e sua relação com a formação social e econômica no Brasil. Não há respostas e receitas prontas para dar conta desse desafio. E, é bom que não tenha. Talvez o mais importante seja os esforços para repensarmos o ensino de história e a dignidade de entendermos que esse ensino não está pronto e acabado, mas que ele permite uma vez mais ser questionado e

pensado, tendo nosso próprio período histórico como o provocador das indagações.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54ª ed. RJ: Paz e Terra, 2013.

MICELI, Paulo. Uma pedagogia da História? In: PINSKY, Jaime (Org.). **O ensino de História e a criação do fato**. 14ª ed. SP: Contexto, 2014.

NADAI, Elza. O ensino de História e a “pedagogia do cidadão”. In: PINSKY, Jaime (Org.). **O ensino de História e a criação do fato**. 14ª ed. SP: Contexto, 2014.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. 6ª ed. SP: EDUSP, 2012.

SANTOS, Milton. **O Espaço dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos**. 2ª ed. SP: EDUSP, 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 20ª ed. RJ: Record, 2011.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Agricultura Familiar 64, 65, 66, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 88, 89, 165

Análise Institucional 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 28

Aprendizagem 6, 7, 8, 11, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 60, 110, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 154, 156, 162, 201, 208, 212, 213, 214, 215, 216, 222, 223

Aprendizagem Ativa 134, 141

### B

Bullying 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 16

### C

Campo 3, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 82, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 142, 146, 149, 151, 164, 166, 174, 176, 180, 189, 191, 199, 221, 223

Ciência 27, 29, 31, 39, 59, 60, 89, 95, 102, 104, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 143, 159, 166, 169, 173, 176, 205, 212, 214, 218, 219, 220, 222, 223, 225, 226, 228, 229, 230

Comunicação 7, 8, 118, 120, 121, 122, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 192, 194, 221, 222, 231

Conhecimento 5, 20, 21, 25, 26, 27, 31, 32, 36, 38, 40, 45, 47, 50, 53, 54, 56, 65, 72, 91, 92, 93, 96, 97, 99, 100, 103, 104, 116, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 139, 141, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 156, 159, 162, 165, 167, 168, 185, 186, 189, 194, 210, 211, 215, 218, 220, 223, 231

Construção do Conhecimento 103, 104, 134, 139

Cotas 55, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 75, 194, 195, 197

### D

Diário de Campo 91, 93, 98, 100, 101, 126

### E

Educação 1, 3, 4, 16, 17, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 75, 77, 78, 82, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 132, 134, 135, 137, 140, 141, 142, 144, 145, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 197, 200, 201, 202, 206, 208, 210,

211, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231

Emancipação 61, 91, 94, 99

ENADE 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117

Ensino 11, 16, 29, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 45, 48, 49, 55, 56, 57, 59, 61, 62, 76, 77, 86, 87, 89, 91, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 134, 135, 136, 137, 142, 148, 149, 154, 156, 161, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 188, 189, 191, 193, 195, 200, 201, 202, 206, 208, 209, 210, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231

Escola Democrática 1, 4

Expansão 106, 117

## F

Formação Continuada 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 60, 225, 226

Função Social 41, 44, 49, 51, 143, 196, 197

## I

Implicação 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 104, 192

Inclusão 32, 55, 56, 57, 61, 73, 87, 97, 197, 223

Indicadores de Qualidade 106, 107, 108, 110, 116, 117

## M

Metodologia 18, 21, 26, 27, 36, 39, 41, 78, 107, 117, 133, 134, 135, 136, 140, 176, 191, 192, 209, 213, 214, 222, 224, 229

Metodologias Ativas 134, 141

Moralidade 1, 3, 173

Movimentos Sociais 58, 59, 64, 65, 66, 68, 70, 73, 75, 86, 88, 156, 187, 192, 194, 199, 200

## O

Observação Participante 91, 93, 98, 99, 104

## P

Pedagógicas 41, 42, 49, 50, 51, 54, 86, 90, 149, 155, 161, 163, 167

Pesquisa 1, 2, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 37, 38, 39, 41, 50, 55, 56, 57, 62, 64, 69, 79, 84, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 133, 135, 142, 143, 144, 145, 150, 151, 153, 163, 167, 168, 169, 170, 190, 192, 193, 201, 202, 209, 211, 219, 220, 221, 224, 225, 226, 228, 229, 230

Pesquisa Acadêmica 18, 22

Pesquisa de Campo 16, 91, 100

Pesquisador 5, 7, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 91, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 118, 119, 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 149, 165, 224

Pós-Graduação 38, 63, 91, 106, 133, 142, 143, 145, 150, 151, 153, 171, 194, 217

Práticas 3, 16, 38, 41, 42, 49, 50, 51, 54, 74, 84, 86, 90, 95, 97, 100, 102, 103, 104, 105, 109, 118, 119, 120, 123, 125, 126, 128, 131, 132, 144, 145, 151, 155, 163, 167, 177, 200, 205, 216

Professor Mediador 134

Projeto de Extensão 29, 30, 31, 32, 38

Psicologia 1, 3, 17, 18, 20, 23, 24, 27, 28, 40, 91, 92, 104, 105, 120, 130, 151, 182, 186, 200, 214, 216, 219

## **S**

Sujeito Social 41, 44, 169, 204, 211

## **T**

Teorias Críticas 142, 145, 149, 150, 151

## **V**

Vagas 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 109

# A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2020

# A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2020